

# Sarney teme reação do PMDB à nova economia

**CARLOS CHAGAS**

O presidente José Sarney está preocupado com a inevitável reação do PMDB à nova política econômica que Maílson da Nóbrega, ou outro futuro ministro da Fazenda efetivo, executará a partir de janeiro. Porque essa nova política econômica, inspirada, entre outros, pelo ex-ministro Mário Henrique Simonsen, tem suas bases na volta ao liberalismo, na redução da presença do Estado nas atividades produtivas, na redução do déficit público, no retorno do País ao Fundo Monetário Internacional (FMI) e no restabelecimento do pagamento dos juros e serviços da dívida externa. Precisamente os aspectos combatidos pelo PMDB, que, em represália, poderá criar problemas para o governo, começando pelos trabalhos constituintes. A confirmação dos quatro anos de mandato para Sarney, por exemplo. Quem sabe, até a adoção do parlamentarismo. Ou a votação de artigos opostos aos fundamentos da estratégia econômica a ser desenvolvida.

Correndo as coisas como vão, os efeitos dessa nova política econômica far-se-ão sentir lá para março ou abril, isso, é evidente, se ela for mesmo posta em prática. E em março ou abril o projeto de nova Constituição estará sendo votado em definitivo. Sempre haverá o Centrão, cuja tendência, em economia, aproxima-se dos planos presidenciais, mas o recelo de Sarney é de que o grupo não consiga manter-se unido na hora em que a direção do PMDB tomar posição frontal contra a nova política econômica. Ainda que postulados liberais possam vir a constar do texto da nova Constituição, ficará difícil ao Centrão sustentar resultados iguais nos capítulos políticos e institucionais. Será quando o PMDB tentará dar o troco. No caso, mantendo os quatro anos para o atual período administrativo, já constantes do projeto da Comissão de Sistematização, e até dando força ao parlamentarismo, que parecia carta fora do baralho.

A decisão de abandonar a política econômica do PMDB, desenvolvida pelos ex-ministros Dilson Funaro e Bresser Pereira, parece tomada pelo presidente. Ele viajou para o Maranhão disposto a seguir outros rumos, tendo em vista a falta de resultados e o caos gerado pela aplicação dos princípios peemedebistas. Não hesitou em mandar pedir a Mário Henri-

que Simonsen, Paulo Rabelo de Castro e outros economistas liberais que preparassem uma espécie de roteiro para aplicação imediata. Não um programa minucioso, sequer um plano de envergadura, mas um elenco de normas capazes de recuperar a economia. Dessa decisão não deverá afastar-se, ainda que se reserve o direito de, chegando em Brasília, dia 4, examinar e discutir as sugestões. Aceitamos-as, determinará ao ministro da Fazenda que simplesmente as cumpra, venha ele a ser Maílson da Nóbrega, Marcílio Marques Moreira, Andrea Calabi, algum empresário paulista ou um técnico. Sabe-se, apenas, que não será um político, muito menos do PMDB.

A reunião de segunda-feira entre representantes do PMDB "histórico" e o governador Moreira Franco, no

## "Paz só com democracia"

Em mensagem enviada ontem ao papa João Paulo II pelo XXI Dia Mundial da Paz, o presidente José Sarney defende a liberdade religiosa e diz que "a verdadeira paz só se consolidará quando forem aceitos efetivamente no coração dos homens o pluralismo e a democracia". Sarney lembrou ao papa a vocação da diplomacia brasileira pela paz e pela distensão e fez votos para o florescimento da liberdade religiosa, na sua opinião "dimensão intrínseca da paz entre os homens".

O texto da mensagem do presidente Sarney ao papa João Paulo II, divulgado pelo Palácio do Planalto, é o seguinte: "No momento em que se celebra o XXI Dia Mundial da Paz, desejo manifestar-lhe, Santo Padre, minha plena adesão aos ideais enaltecidos em sua mensagem, liberdade religiosa condição para convivência pacífica. Vivemos em um mundo demarcado por sinais de intolerância e por expressões de conflito. A verdadeira paz só se consolidará quando forem efetivamente aceitos no coração dos homens o pluralismo e a democracia. A política externa brasileira tem, como um dos pilares, a vocação para a paz e para a distensão. Por isto, associo-me, junto com todo o povo brasileiro, as orações de V. Santidade para que floresça, em todo o mundo, a liberdade religiosa, dimensão intrínseca da paz entre os homens. Com filial devoção. José Sarney".

Rio, foi um sintoma do que está para acontecer. Franco Montoro, Mário Covas, José Richa, Fernando Henrique Cardoso e Euclides Scalco fizeram coro na necessidade de fazer eleições presidenciais diretas em 1988. Querem as candidaturas na rua, de qualquer maneira, até porque, à exceção de Scalco, os demais estão mordidos pela mosca azul. Mas só por isso? Não. Perceberam que a partir de agora mais se afastarão os caminhos do governo e do partido; manobrando, assim, para marcar desde logo posições. Depois resolverão quem será o candidato, se Ulysses Guimarães ou um deles. Quando começarem as críticas à nova política econômica, terão saído na frente.

O plenário da Assembléia Nacional Constituinte arrisca-se, por esses motivos, a não abrigar apenas debates sobre os títulos, capítulos e artigos do projeto em debate. Servirá como esquadro para choques e confrontos entre os defensores do governo e seus adversários, com a possibilidade de o PMDB, pela sua direção, passar oficialmente para o outro lado. Ulysses Guimarães retornará de Nova York no mesmo dia em que Sarney estará voltando do Nordeste. Como presidente do PMDB, o parlamentar paulista tentará evitar a formalização do racha, e até já repeliu com veemência sugestão do senador Severo Gomes, pela realização de uma convenção extraordinária do partido, destinada a situar-se diante da nova conjuntura. Mas não terá como evitar a gritaria, por exemplo, no dia em que o Brasil reingressar no FMI. Ou, se isso acontecer mesmo, quando medidas de vulto forem adotadas para cortar fundo o déficit público.

Há quem suponha estar o presidente José Sarney ainda na dúvida, pensando os prós e contras da adoção de nova estratégia econômica, mas seus bissexto auxiliares, que permanecem em Brasília, sustentam estar a decisão tomada. Encontra-se em jogo a sorte do governo, pois sem uma reviravolta na economia, ficará difícil a Sarney salvaguardar sua imagem para o futuro. Valeria, no caso, sacrificar um ano de seu mandato para poder, ao transmitir a faixa ao sucessor, obter algum reconhecimento da sociedade. O que lhe parece inadmissível é chegar ao final do próximo ano com inflação de 365%, no plano interno, e obstáculos muito maiores do que os atuais, no plano externo.